

NOTAS SOBRE A ARTE DE GRAMMATICA, LATINA, PORTUGUEZA, BENEDICTINA (LISBOA, 1636) DE FRUTUOSO PEREIRA

Rogelio Ponce de León Romeo*

Resumo: Este trabalho analisa diversos aspetos da *Arte de grammatica, latina, portugueza, benedictina* (Lisboa, 1636) de Frutuoso Pereira; nomeadamente problemas que têm a ver com a tradição textual e com a autoria, bem como questões relacionadas com o enquadramento da referida obra no contexto pedagógico português da primeira metade do século XVII. Também é analisado o enquadramento da *Arte de grammatica* nas correntes de gramática vigentes na época; em concreto, na gramática racionalista e na gramática escolar.

Palavras-chave: Frutuoso Pereira. Historiografia gramatical. Século XVII.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

■ São bem conhecidas pelos especialistas na historiografia linguística do Português as profundas alterações que se sentiram, no Portugal da primeira metade do século XVII, na configuração teórica e pedagógica de certos textos metagramaticais. No plano da teoria gramatical, pode afirmar-se que as Artes mais inovadores acolheram um conjunto de procedimentos de explicação dos factos linguísticos, integrados naquilo que se tem vindo a designar como gramática racionalista. No contexto português – tal como, de resto, noutras nações europeias –, os manuais gramaticais cuja teoria se configura em torno desta corrente seguem muito de perto a doutrina racionalista defendida pelo humanista espanhol Francisco Sánchez de las Brozas nas suas obras gramaticais que descrevem e versam sobre o Latim; especialmente, na sua *Minerua seu de causis de linguae latinae* (Salamanca, 1587). Com efeito, na gramatologia do Português e na latino-portuguesa, casos bem conhecidos de manuais que se servem, em maior ou menor medida, da doutrina sanctiana para a descrição gramatical são a *Arte de grammatica pera em breve saber latim* (Lisboa,

* Doutor em Filologia pela Universidade Complutense de Madrid (Espanha). Professor auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal). Investigador do Centro de Linguística da mesma instituição. E-mail: rromeo@letras.up.pt

1610) de Pedro Sanches (FERNANDES, 2002b; PONCE DE LEÓN, 2002, p. 499-507; PONCE DE LEÓN; ASSUNÇÃO; FERNANDES, 2008) e as obras gramaticais de Amaro de Roboredo: a *Verdadeira grammatica latina pera se bem saber em breve tempo* (Lisboa, 1615), o *Methodo grammatical para todas as linguas* (Lisboa, 1619) e a *Grammatica latina. Mais breve, e facil que as publicadas até agora na qual precedem os exemplos aas regras* (Lisboa, 1625) (SCHÄFER-PRIESS, 1990; KOSSARIK, 1997; FERNANDES, 2002a; PONCE DE LEÓN, 2002, p. 508-520; FERNANDES; ASSUNÇÃO, 2007; PONCE DE LEÓN, 2009).

Por outro lado, num plano mais estritamente didático – mas com claras repercussões na descrição gramatical –, os autores acima referidos – e outros coevos –, acolhendo os avanços desenvolvidos, nessa área, na Europa (PONCE DE LEÓN, 1996, p. 218; FERNANDES, 2002b, p. 61-73), sentiram a necessidade de subverter os princípios pedagógicos que subjaziam, até então, às artes gramaticais latinas, aproximando dos estudantes o objeto de aprendizagem, por forma a melhorar as condições de ensino-aprendizagem nas aulas da língua do Lácio. No contexto didático-gramatical português, Amaro de Roboredo, como é bem conhecido, parece ter sido o primeiro autor a adaptar de forma sistemática as suas obras de acordo com estes princípios pedagógicos, habitualmente denominados *sensualistas* ou *experimentalistas*. Esta abordagem metodológica pode ser resumida na seguinte afirmação registada no prólogo ao *Methodo grammatical para todas as linguas*:

E das artes que nos retardão o uso devemos fugir com diligencia [...]. E como a mesma diligencia deve o Artifice, considerando o fim, & os meios para chegar a esse fim, spicular a capacidade do que ha de usar desses meios, accomodandose aa natureza das suas potencias [...]. E como he notoria a grande dependencia, que o discurso humano tẽ dos sentidos corporaes, procede direito dos effeitos para as causas, dos exemplos para aas regras (ROBOREDO, 2007 [1619], p. 19).

Ou, ainda no prólogo, mais adiante:

Fica logo clara a obrigação do Artifice quero dizer minha neste Methodo de me accommodar aa rudeza pueril, screvendo na lingua Materna do principiante, levando per exemplos claros, & ainda corporaes della para a Latina [...]. E fica clara a obrigação de dispor a materia ainda da lingua Materna segundo a natureza do discurso humano depêdête dos sêtidos [...]; ajuntando muitos exemplos em o livro, & em voz, que o aprendiz veja, ouça, apalpe (ROBOREDO, 2007 [1619], p. 20).

Dos passos reproduzidos podem ser deduzidos dois critérios caracterizadores desta proposta didática: 1. a preeminência da aprendizagem indutiva da língua objeto de estudo através das capacidades sensoriais – previsivelmente, por meio da compreensão auditiva e leitora – sobre o estudo dedutivo dos preceitos gramaticais, o que implica, por outro lado, que o aluno comece a interiorizar a estrutura gramatical através de amostras de língua que Roboredo, no fim do último passo apresentado, refere como sendo “exemplos em o livro, & em voz, que o aprendiz veja, ouça, apalpe”; 2. o uso obrigatório da língua materna do estudante como veículo para a aprendizagem da língua latina (FERNANDES, 2002b, p. 467-485).

Neste contexto gramaticográfico, cabe situar outros autores que publicaram os seus manuais na primeira metade do século XVII, como é o caso da *Arte de grammatica latina, nouamente ordenada em portuguez, pera menos trabalho*

dos que começam a aprender (Lisboa, 1636) do frade beneditino Frutuoso Pereira († 1660)¹, obra que teve duas outras edições (Lisboa, 1643 e 1652); na terceira, é apresentado um título diferente: *Arte de grammatica, latina, portugueza, benedictina* – pormenor este que poderá considerar-se um indício das alterações textuais registadas ao longo das edições da *Arte*. Sobre aspetos da teoria gramatical e da metodologia desta obra, bem como sobre questões que se prendem com a autoria, versa o presente trabalho.

EM TORNO DA AUTORIA DA *ARTE DE GRAMMATICA, LATINA, PORTUGUEZA, BENEDICTINA*

Antes de passar a analisar someramente os traços teóricos e pedagógicos principais da gramática de Frutuoso Pereira, parece-nos pertinente abordar de forma sucinta – embora, na verdade, se nos afigure bastante complexa – a questão da tradição textual desta obra. Um problema inicial – e de relevo – prende-se com a autoria, questão à qual se referem os bibliógrafos portugueses mais importantes. Por exemplo, Inocêncio da Silva (1883, t. X, p. 213) atribui a autoria da obra em estudo a João de Castelo Branco, bem como Diogo Barbosa Machado, o qual nos informa de que Castelo Branco publicou uma *Arte de grammatica latina* em Lisboa em 1636:

D. Ioão de Castello Branco natural de Lisboa onde foraõ seus illustres progenitores D. Duarte de Castello Branco primeiro Conde do Sabugal, e D. Catherina de Menezes filha de D. Bernardo Coutinho. Foy excellente Latino, e muito perito nos preceitos do idioma Romano. Ornado de summa prudência, e não menor vigilância exercitou o lugar de Prezidente do Senado de Lisboa em que o elegeo o Serenissimo Rey D. Ioão o IV. no anno de 1644. A sua caza era o refugio dos pobres, aos quais curava com ardente charidade ministrandolhe os medicamentos manipulados por suas próprias mãos. Falleceo em Lisboa com geral sentimento dos necessitados [...]. Compoz Arte de grammatica latina. Lisboa 1636. 4 (MACHADO, 1966 [1747], t. II, p. 626)².

Frutuoso Pereira, por seu turno, terá apenas desempenhado o papel de editor nas duas primeiras edições da *Arte*; na terceira, Pereira teria passado a ser o autor, segundo se pode deduzir das palavras de Inocêncio da Silva:

A 1.ª edição d'esta grammatica é de 1636; a 2.ª de 1643; e a seguinte de 1652, que se diz 3.ª, é terceira certamente, contando sobre aquellas duas; mas parece que deve ser a primeira com respeito a fr. Fructuoso, que nas outras tinha sido

1 Uma notícia biobibliográfica do autor aparece na *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado: “Fr. Fructuoso Pereyra natural da Villa da Feira sinco leguas distante da Cidade do Porto, Cabeça de Condado, e descendente dos Condes deste Titulo, o qual querendo ser mais illustre por beneficio da Graça do que nacera por liberalidade da natureza recebeu a Cogulla Benedictina em o Convento da Cidade do Porto a 5 de Mayo de 1620. Foy muito douto nos preceitos da Gramatica Latina, Poesia heróica, e intelligencia das linguas Italiana Franceza, e Espanhola [...]. Falleceo no Mosteiro de S. Martinho do Couto a 20. de Janeiro de 1660. Compoz. / *Arte de Gramatica Latina novamente ordenada em Portuguez para menos trabalho dos que começão a aprender*. Lisboa por Lourenço Craesbeeck 1636. 4. Sahio segunda vez com este titulo. / *Arte de Gramatica Latina ordenada em Portuguez para mayor facilidade deste estudo*. Lisboa por Lourenço de Anveres. 1643. 8. Et ibi por Domingos Lopes Rosa. 1652. 8 [...]. / Faz memoria honorifica do Author Fr. Gregorio de Argaes *Perla de Catalun*. pag. 464. §. 156. *Compuso el Arte de Gramatica que anda de baxo de su nombre com tan fácil disposición para los principiantes, que hiziera escurecer todas las de mas artes desta materia si nó hubiera la oposición de la embidia, y del interés*” (MACHADO, 1966 [1747], t. II, p. 305).

2 O fragmento reproduzido da *Bibliotheca Lusitana* parece ter sido a fonte de que Inocêncio da Silva se serviu para a notícia biobibliográfica correspondente: “filho do 1.º Conde do Sabugal D. Duarte de Castello-branco, e Presidente do Senado da Camara de Lisboa, nomeado por el-rei D. João IV em 1644. – Foi natural de Lisboa, não constando comtudo a data do seu nascimento, nem tão pouco a do obito. – E. / 618) *Arte de Grammatica Latina*. Lisboa, 1636. 4.ª” (SILVA, 1859, t. III, p. 344).

mero editor, e n'esta foi auctor, porque refundiu a antecedente (SILVA, 1883, t. X, p. 213).

No que toca à autoria da *Arte de grammatica, latina, portugueza, benedictina*, depois de ter analisado e confrontado as três edições, parece-nos que Frutuoso Pereira não foi apenas editor da obra – no caso das duas primeiras edições –, mas autor, ou pelo menos não dispomos de dados consistentes para pensar que o autor da Arte em análise fosse João de Castelo Branco, pese embora a informação anteriormente referida por Barbosa Machado, quem, na notícia biobibliográfica correspondente a Pereira – parcialmente reproduzida na nota 1 do presente estudo –, afirma que o frade beneditino compôs uma *Arte de grammatica latina*, publicada, casualmente, no mesmo ano e local e até com o mesmo formato que aquela que é atribuída a João de Castelo Branco. Por outro lado, resulta esclarecedora – se bem que não determinante – a licença, datada de 12 de outubro de 1635, que aparece na primeira edição, na qual tão-só é mencionado o nome do frade beneditino. Seja como for, mesmo que atribuíssemos a João de Castelo Branco a autoria da obra, não podemos concordar com a afirmação de Inocêncio da Silva – apresentada no fim do fragmento anteriormente reproduzido –, segundo a qual Frutuoso Pereira, na terceira edição da gramática, poderia ser já considerado autor, porquanto “refundiu a antecedente”. Na verdade, as alterações textuais ocorrem, segundo tivemos ocasião de comprovar, entre a primeira edição e as seguintes, e não entre a última e as duas anteriores, como Inocêncio da Silva sugere. Contudo, não obstante as profundas alterações estruturais e textuais detetadas do cotejo das três edições – muito especialmente, como acima referimos, entre a primeira edição e as duas restantes –, estamos perante uma obra, textual e conceitualmente, unitária.

PRINCÍPIOS GRAMATICAIS E METODOLÓGICOS

Partindo, por conseguinte, da consideração de que as três edições reproduzem, apesar das diferenças textuais, uma obra, cabe agora situar a *Arte de grammatica, latina, portugueza, benedictina* nas diversas tendências gramaticais e pedagógicas da altura, às quais se fez referência no início do presente estudo; ou, por outras palavras, cabe dilucidar em que medida se pode enquadrar Frutuoso Pereira nas propostas epistemológicas mais inovadoras na gramatografia seiscentista, como é o caso do racionalismo e do sensualismo ou empirismo. No que se refere à incidência do empirismo, há já alguns anos sublinhamos (PONCE DE LEÓN, 1996, p. 224-226) o facto de haver, no manual de Pereira, uma profunda preocupação pela maneira como se aprendia a língua latina nas escolas portuguesas durante as primeiras décadas do século XVII. A este propósito, o frade beneditino tem clara consciência de que os critérios didáticos praticados nas aulas de Latim da época não eram os adequados, o que se mostra mais evidentemente logo no início do prólogo à terceira edição da gramática:

He a experiêcia assistête antes cõpanheira da arte, os avisos daquella, são a firmeza dos documentos desta. O uso he hũa nova Arte que pode constituir a Arte natureza. Daqui nasce, q̃ se com o tempo as Arte[s] se apuraõ, he porque o tempo se servio de experiencias no uso dellas. Muitos séculos há que se usa a Gramatica Latina, mas não foi com todo o uso das experiencias, q̃ cada dia o tempo prodúz, ou se serve. Naõ basta que tal artifíce obrasse de tal sorte, pera q̃ cõ

melhoras se não possa tirar novo modo de obrar do que se experimenta. O empyrico talves antes muitas vezes, obra com mais felicidade, q̃ o Methodico, & q̃ o Racional, porq̃ se valeo mães do uso q̃ do preceito, mães da experiencia que da ciência, & a empyrica não pode carecer de occultos preceitos, q̃ se os ignora o artifice pode constitu[i]llos no uso, porque nelle os observa.

Varios são os mestres antigos & varios os modernos q̃ escreverão Gramaticas latinas, todos attenderão a todas as regras porq̃ nem todos respeitão a todo uso. Não basta sò escrever bem, mas escrever també útil; & a utilidade não respeita tanto ao preceito, como ao effeito. Estes são os que tocamos, os que admiramos. & pella mayor parte nos não dà cuidado o inteiro conhecimento da causa: & estas sempre ficão obscuras, senão chegão a produzir, em proporção hũ effeito de todo correlativo (PEREIRA, 1652, p. 6-7).

No passo reproduzido, o autor advoga de forma recorrente, no processo do ensino-aprendizagem da língua latina – mas também, acrescentamos nós, no de outras línguas –, a preeminência da *experiência* – entendida esta como observação dos factos e que se pode indentificar também com o uso –, sobre a *arte*, ou conjunto de preceitos. Deste modo, o gramático – que Pereira, como outros gramáticos coevos, denomina de *artifice* –, ao adotar esta abordagem metodológica, terá mais sucesso, no plano didático, que o normativista (*methodico*) ou o logicista (*racional*). Desta forma, Frutuoso Pereira parece distanciar-se tanto da gramática normativa, como da gramática racionalista. A adoção da abordagem experimentalista na *Arte de grammatica, latina, portugueza, benedictina* de Pereira deveria ter mais repercussões daquelas que, na verdade, são detetadas, se comparada com a *Arte gramatical portuguesa*, a nosso ver, mais representativa da corrente experimentalista; refiro-me à *Grammatica latina* de Amaro de Roboredo. Estas divergências, por exemplo, podem ser analisadas na exposição da matéria gramatical sobre o nome e o verbo, tal como aparece no seguinte Quadro 1.

Quadro 1 – O nome e o verbo em Roboredo (1625) e em Pereira (1636)

Roboredo, 1625	Pereira, 1636
Fica mostrado que o Nome he palavra, que tem numeros, e Casos com genero: e que se divide em Substantivo, e Adjectivo (p. 29). Tem o Substantivo esta propriedade, que pode per si entrar na Oração sem Adjectivo; e o Adjectivo tem a contraria, que não pode entrar na Oração sem ir junto ao Substantivo declarado, ou entêdido de fora (p. 30).	O nome, he hũa parte da oração que se declina por casos, & não tem tempos. O nome se diuide em Substantiuo, & Adiectiuo. O Substantiuo, he mais nobre que o Adiectiuo, porque significa per si a cousa de que se trata na oração. O Adiectiuo serue ao substantiuo, & não pode estar na oração sem elle [...] (f. 1).

(continua)

Quadro 1 – O nome e o verbo em Roboredo (1625) e em Pereira (1636)
(continuação)

Roboredo, 1625	Pereira, 1636
<p>Fica mostrado nas Conjugações, que o Verbo he hũa palavra que tem Numeros, e Pessoas com Tempo. E que ou he Activo; como. Amo, Amas; ou Passivo; como Amor, Amaris; e que cada hum destes ou he Pessoal; como Amat, Amatur, ou he Impessoal; como Amare, Amavisse, Amari; Amãdo, Amatũ, nos quaes se encerrão os Tempos, Numeros, e Pessoas (p. 67)</p>	<p>A declinação do verbo se chama coniugação. E assi, overbo he hũa parte da oração, que se declina, ou se coniuga por modos, & tem tempos</p> <p>Os modos porque o verbo se coniuga são quatro, Indicatiuo, Imperatiuo, Coniuntiuo, Infinitiuo.</p> <p>Os tempos são seis. Tempo presente. Tempo passado imperfecto. Tempo passado perfeito. Tempo passado mais que perfeito. Tempo que està para vir imperfecto. Tempo que està para vir mais que perfeito.</p> <p>Diuidese o verbo, em pessoal, & impessoal. O pessoal he aquelle que tem todas as três pessoas, as quais são <i>Ego</i>, eu, <i>tu</i>, tu, vos, <i>ille</i>, aquelle. O verbo impessoal he aquelle que não tem mais que a terceira pessoa do singular, & lhe faltaõ as primeiras duas pessoas.</p> <p>O verbo pessoal diuidese em actiuo, passiuo, neutro, commũ, & depoente. O verbo actiuo he aquelle, que acabando na letra (<i>o</i>) se faz passiuo acrescentandolhe a letra (<i>r</i>) como, <i>lego</i>, eu leo, <i>legor</i>, eu sou lido.</p> <p>O passiuo he aquelle que se forma do actiuo acredentandolhe a letra (<i>r</i>) como <i>lego</i>, <i>legor</i>.</p> <p>O neutro he aquelle que acabando nas letras, <i>m</i>, ou, <i>o</i>, nunca se faz passiuo, pessoal, como, <i>sum</i>, eu sou, <i>sedeo</i>, eu estou assentado.</p> <p>O commũ he aquelle, que acabando na silla, <i>or</i>, tem significação actiua, & também passiua, em algũs tempos, como ao diante se verá.</p> <p>O depoente he o que acabando na sillaba, <i>or</i>, tem significação actiua, ou neutra [...] (f. 1/r).</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com efeito, do confronto entre as duas obras pode concluir-se que, diferentemente da *Grammatica* de Roboredo, na *Arte* de frade beneditino não parece haver uma aplicação coerente dos princípios empíricos – à exceção do uso do Português como língua de redação da obra: na *Grammatica* roborediana, como o título da obra indica, os exemplos são apresentados antes dos preceitos, o que se pode deduzir, no Quadro 1, a partir das expressões como “fica mostrado” ou “mostra esta sentença” que iniciam os enunciados caracterizadores das partes da oração; Frutuoso Pereira, por sua vez, segue a sequência de exposição habitual na tradição gramatical latino-portuguesa, ao apresentar primeiro os preceitos e depois os exemplos. Não parecem, contudo, ser questões de método os únicos elementos que afastam a gramática de Frutuoso Pereira dos manuais roboredianos. No que diz respeito à teoria gramatical, encontramos nítidas divergências com a doutrina defendida por Roboredo³, com clara incidência na descrição das

3 Este critério parece-nos, no entanto, ser coerente com as propostas defendidas no prólogo da edição da *Arte de gramatica* de

classes de palavras. Como é bem sabido, na esteira da gramática racional de Francisco Sánchez de las Brozas⁴ (SCHÄFER-PRIESS, 1990, p. 65-66; SCHÄFER-PRIESS, 2000, p. 135; PONCE DE LEÓN, 2002, p. 510; PONCE DE LEÓN, 2008, p. 246-247), Amaro de Roboredo propõe uma redução do número das partes da oração para cinco (nome, verbo, advérbio, conjunção e preposição) – se bem que na *Grammatica latina* sejam apenas caracterizadas as quatro primeiras por razões provavelmente de índole pedagógica. Por sua vez, Pereira segue a gramática latina tradicional na caracterização das partes da oração indeclináveis:

Quadro 2 – As partes da oração indeclináveis em Roboredo (1625) e em Pereira (1636)

Roboredo, 1625	Pereira, 1636
Mostra [esta sentença] que o Adverbio he palavra sem Numero, que altera a outra a que se ajunta. E ajuntase principalmente a Verbos, e depois a Adjectivos; e também a outros Advérbios [...]. Mostra [esta sentença] que alg̃uas vezes se usa o Adverbio em lugar de Nome (p. 86)	O Aduerbio he parte da oração que se não declina & serue na oração, pera declarar a força, & modo da significação do verbo, & nome (f. 1r.).
Mostrão estas sentenças, que a Conjunção he palavra sem Numero que ajunta semelhantes casos, tempos, e orações declaradas, ou entendidas de fora per figura (p. 87). Mostrase que sempre nas Orações precederá alg̃ua palavra a estas Conjunções [...]. Mostra como sempre estas Conjunções se antepo- rão a outra palavra que atão com a primeira [...]. E notese que os Adverbios que atão se fazem Con- junções (p. 133).	A coniução he parte da oração que se não declina, & serue pera atar, ou diuidir as partes da oração (f. 1r.).
-----	O Pronome, he h̃ua parte da ora- ção, que posta em lugar do nome substantiuo, significa certa & de- terminada pessoa (f. 1).
-----	O participio he nome, que nace de qualquer verbo, declinase por ca- sos, & significa tempo, & assi h̃us seruem pera tempo presente & passado, outros pera tempo futuro (f. 1r.).

(continua)

1652, que reproduzimos parcialmente acima e que parece oportuno aqui repetir: “O empyrico talvez antes muitas vezes, obra com mais felicidade, q̃ o Methodico, & q̃ o Racional, porq̃ se valeo mães do uso q̃ do preceito, mães da experiencia que da ciência, & a empyrica não pode carecer de occultos preceitos, q̃ se os ignora o artifice pode constitu[i]llos no uso, porque nelle os observa” (PEREIRA, 1652, p. 6).

4 Pese embora as reservas iniciais, Carlos Assunção e Gonçalo Fernandes admitem, quanto ao número das partes da oração, que “indirecta e ideologicamente, o gramático português [i. e. Amaro de Roboredo] é influenciado pela *Minerva* de 1587 [do Brocense]” (FERNANDES; ASSUNÇÃO, 2007, p. lvi).

Quadro 2 – As partes da oração indeclináveis em Roboredo (1625) e em Pereira (1636) (conclusão)

Roboredo, 1625	Pereira, 1636
-----	A praeposição he parte da oração que se não declina, & serue na oração, ou junta em composição de nome, & verbo, ou apartada, & então rege caso depois de si (f. 1.r).
-----	A interieição he parte da oração que se não declina, & serue pera declarar vários desejos & afeitos do animo (f. 1r.)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Há, por outro lado, diferenças nítidas entre Roboredo e Pereira na descrição gramatical de certas partes da oração – especialmente aquelas em que a matriz racionalista se torna mais evidente nas obras do primeiro autor –, como é o caso do verbo, que Roboredo (1625, p. 67) caracteriza como sendo “hũa palavra que tem Numeros, e Pessoas com Tempo”. Nesta definição, Roboredo elimina o acidente do modo, como já analisámos num trabalho nosso anterior (PONCE DE LEÓN, 2008, p. 249-250), como traço caracterizador do verbo, o que, de novo, deve considerar-se influência da *Minerva* de Sánchez de las Brozas. Frutuoso Pereira, por seu turno, tal como se pode observar no Quadro 1, diferentemente de Roboredo, assume o modo como acidente verbal, estabelecendo um sistema quadripartido: indicativo, conjuntivo, imperativo e infinitivo. Em suma, pode verificar-se que, no plano teórico, a *Arte de Frutuoso Pereira* se distancia claramente da doutrina racionalista⁵. Nesse contexto, parece aparentemente simples responder à questão sobre o enquadramento teórico da *Arte de grammatica, latina, portugueza, benedictina*. Segundo o que vimos até agora, poderá afirmar-se que o frade beneditino segue a gramática escolar latino-portuguesa; em concreto, os *De institutione grammatica libri tres* (Lisboa, 1572) do jesuíta Manuel Álvares, nomeadamente a edição que o também jesuíta António Velez fez da gramática alvaresiana, publicada pela primeira vez em Évora, em 1599. Uma prova que pode ajudar a confirmar a nossa hipótese é, de novo, a descrição das classes de palavras:

Quadro 3 – As classes de palavras em Álvares / Velez (1599) e em Pereira (1636)

Álvares / Velez, 1599	Pereira, 1636
<i>Nomen est pars orationis, quae casus habet, neque tempora adsignificat [...]. Substantium seu fixum nomen est, quod per se in oratione esse potest [...] Adiectiuum nomen, mobile, seu appositum est, quod in oratione esse non potest sine substantiuo aperte, uel occulte</i> (p. 121).	O nome, he hũa parte da oração que se declina por casos, & não tem tempos. O nome se diuide em Substantiuo, & Adiectiuo. O Substantiuo, he mais nobre que o Adiectiuo, porque significa per si a cousa de que se trata na oração. O Adiectiuo serue ao substantiuo, & não pode estar na oração sem elle [...] (f. 1).

(continua)

5 A questão sobre a consideração do modo como acidente do verbo é apenas um elemento que ilustra as divergências entre a proposta de Frutuoso Pereira e os gramáticos racionalistas coevos, como Amaro de Roboredo; não é, com certeza, o único critério diferenciador: no Quadro 1, a respeito do verbo, pode observar-se que Pereira advoga a existência dos verbos impessoais (“O verbo impessoal he aquelle que não tem mais que a terceira pessoa do singular, & lhe faltaõ as primeiras duas pessoas” (PEREIRA, 1636, f. 1)) ou a tipologia dos verbos em neutro, ativo, passivo, comum e depoente. Estas propostas, como é bem sabido, são rejeitadas pela doutrina logicista.

Quadro 3 – As classes de palavras em Álvares / Velez (1599) e em Pereira (1636) (continuação)

Álvares / Velez, 1599	Pereira, 1636
<p><i>Verbum est pars orationis, quae modos et tempora habet, neque in casus declinatur. Verbum duplex est, personale et impersonale. Personale est, quod omnes personas utriusque numeri habet [...]. Impersonale est, quod prima et secunda utriusque numeri et tertia multitudinis fere privatur, unde et nomen traxit. Id duplex est: alterum actiuae declinationis [...]; alterum passivae [...]. Verbum personale diuiditur in quinque genera: actiuum, passiuum, neutrum, commune, deponens. Actiuum est, quod litera 'o' finitum passiuum fit addita litera 'r' [...]. Passiuum est, quod syllaba 'or' finitum actiuum fit 'r' litera abiecta [...]. Neutrum est, quod 'm' uel 'o' literis finitum ex se passiuum personale non gignit (p. 134).</i></p> <p><i>Commune est, quod 'or' syllaba tantum finitum actiui simul et passiuui significationem habet [...]. Deponens est quod 'or' syllaba tantum finitum actiui uel neutri significationem habet (p. 135).</i></p>	<p>A declinação do verbo se chama coniugação. E assi, overbo he h̄ua parte da oração, que se declina, ou se coniuga por modos, & tem tempos. Os modos porque o verbo se coniuga são quatro, Indicatiuo, Imperatiuo, Coniuntiuo, Infinitiuo. Os tempos são seis. Tempo presente. Tempo passado imperfeito. Tempo passado perfeito. Tempo passado mais que perfeito. Tempo que está para vir imperfeito. Tempo que está para vir mais que perfeito.</p> <p>Diuidese o verbo, em pessoal, & impessoal. O pessoal he aquelle que tem todas as três pessoas, as quais são Ego, eu, tu, tu, vos, ille, aquelle. O verbo impessoal he aquelle que não tem mais que a terceira pessoa do singular, & lhe faltaõ as primeiras duas pessoas.</p> <p>O verbo pessoal diuidese em actiuo, passiuo, neutro, comm̄u, & depoente. O verbo actiuo he aquelle, que acabando na letra (o) se faz passiuo acrescentandolhe a letra (r) como, lego, eu leo, legor, eu sou lido.</p> <p>O passiuo he aquelle que se forma do actiuo acredentandolhe a letra (r) como lego, legor.</p> <p>O neutro he aquelle que acabando nas letras, m, ou, o, nunca se faz passiuo, pessoal, como, sum, eu sou, sedeo, eu estou assentado.</p> <p>O comm̄u he aquelle, que acabando na silla, or, tem significação actiua, & também passiua, em alḡus tempos, como ao diante se verá.</p> <p>O depoente he o que acabando na sillaba, or, tem significação actiua, ou neutra [...] (f. 1/r).</p>
<p><i>Pronomen est, quod loco nominis positum certam finitamque personam adsignificat (p. 132).</i></p>	<p>O Pronome, he h̄ua parte da oração, que posta em lugar do nome substantiuo, significa certa & determinada pessoa (f. 1).</p>
<p><i>Participium est pars orationis, quae tum casus, tum tempora habet (p. 138).</i></p>	<p>O participio he nome, que nace de qualquer verbo, declinase por casos, & significa tempo, & assi h̄us seruem pera tempo presente & passado, outros pera tempo futuro (f. 1r.).</p>
<p><i>Praepositio est pars orationis, quae ceteris partibus aut separata, aut coiuncta fere praeponitur (p. 142).</i></p>	<p>A praeposição he parte da oração que se não declina, & serue na oração, ou junta em composição de nome, & verbo, ou apartada, & então rego caso depois de si (f 1.r).</p>

(continua)

Quadro 3 – As classes de palavras em Álvares / Velez (1599) e em Pereira (1636) (continuação)

Álvares / Velez, 1599	Pereira, 1636
<i>Aduerbiū est pars orationis, quae uocibus addita earum significatio-nem explanat ac desinit</i> (p. 144).	O Aduerbio he parte da oração que se não declina & serue na oração, pera declarar a força, & modo da significação do verbo, & nome (f. 1r.).
<i>Interiectio est pars orationis, quae uarios animi affectus indicat</i> (p. 145).	A interieição he parte da oração que se não declina, & serue pera declarar vários desejos & affeitos do animo (f. 1r.).
<i>Coniunctio est pars orationis annexens ordinansque sententiam</i> (p. 146).	A coniução he parte da oração que se não declina, & serue pera atar, ou diuidir as partes da oração (f. 1r.).

Fonte: Elaborado pelo autor.

Do confronto entre a Arte de Frutuoso Pereira e a *editio vellesiana* da gramática de Manuel Álvares poder-se-á concluir que, a respeito de certas partes da oração, Pereira traduz *ad litteram* os preceitos alvarísticos. Seja como for, julgamos que não se deve considerar a gramática de Frutuoso Pereira como mais um dos numerosos cartapácios, utilizados pelos estudantes de Latim a partir de inícios de Setecentos, que vertiam para Português as regras da gramática de Manuel Álvares (PONCE DE LEÓN, 2001). De facto o próprio autor, no prólogo à edição de 1643, evidencia esta questão, ao denunciar que alguns críticos afirmavam que o manual em estudo não era senão um cartapácio da gramática aluaresiana:

Não faltaraõ emulos que a esta Arte quiserão dar titulo de Traslado, ou Cartapacio vulgar de Artes alheas (que nunca ao maldizente lhe faltou hum nome com que desautorizar o que inueja) já pôde ser por sayr na primeira vez escrita em quarto mayor: & assi se reduzio a menor, porque pareça Arte pello talhe. E se a caso foy, porque nella se achão Declinaçoens, Conjugaçoens, & as mais partes, ou tratados necessarios da Grammatica; aução bastante, se for recebida terá o que primeiro compoz Arte de Grammatica Latina, pera queixarse dos que dipois delle escreuerão as suas, soo cõ prouar, que lhe usurparão os Nominatiuos, as Conjugações, & as oito partes da Oração (PEREIRA, 1643, f. ¶13r).

A *Arte de grammatica, latina, portugueza, benedictina* de Frutuoso Pereira, com efeito, não parecer ser mais um dos materiais que, nas aulas de Latim no Portugal da primeira metade de Setecentos, comentavam e traduziam os preceitos alvarísticos, porquanto podem ser identificados, no manual em estudo, elementos que o afastam daqueles; por exemplo, o critério sistemático de redução da matéria gramatical, que obedece sem dúvida a critérios de índole pedagógica, mas que, na verdade, tem repercussões na descrição gramatical. A este respeito, pode, de novo, ser tomado como exemplo o estabelecimento do modo como acidente do verbo, que, segundo vimos, afasta a *Arte de grammatica, latina, portugueza, benedictina* da doutrina racionalista: o frade beneditino procede a uma redução do sistema modal, ao propor um sistema de quatro modos: “[...] os Verbos se conjugaõ por quatro modos. 1. Indicatiuo. 2. Imperativo. 3. Conjun-

tivo. 4. Infinitivo” (PEREIRA, 1643, f. 44), perante a proposta multimodal defendida por Manuel Álvares, que divide o modo em indicativo, imperativo, conjuntivo, potencial, permissivo e infinitivo (SCHÄFER-PRIESS, 2010, p. 130-141; PONCE DE LEÓN, 2005, p. cxxviii-cxxxii). No entanto, pese embora a referida redução modal, a proposta da *Arte de grammatica, latina, portugueza, benedictina* afigura-se-nos teoricamente mais avançada do que aquela registada nos *De institutione grammatica libri tres*, porquanto, no que toca ao conjuntivo, o gramático de Santa Maria da Feira alerta para a distinção entre o valor primário do modo e os sentidos decorrentes da combinação de certos advérbios e conjunções com as formas do conjuntivo:

Ha se de aduertir, que a lingoagem do Conjuntiuo, pella mayor parte, anda junta na Oração com algũ aduerbio, do qual he quasi regida, & formada: ou com algũa Oração da qual depende em parte pera estar no Conjuntiuo. E basta que o tal aduerbio, ou Oração se entendão. E isto quer dizer Conjuntiuo. Lingoagem junta com algum aduerbio, ou acompanhada de outra Oração.

Do que se segue, que tantas species, ou modos de Conjuntiuos Regulares poderemos formar, quantas forem as diferenças dos Aduerbios, com que ajuntarmos a tal lingoagem.

Se a ajütarmos cõ aduerbios de desejar, formaremos hum Conjuntiuo, que se chame Optatiuo.

Se com aduerbios aduersantes formaremos hum Subjuntiuo, que se chame. Aduersatiuo.

Se com Aduerbios negantes, formaremos. Subjuntiuo. Negatiuo.

Se com Aduerbios condicionais, formaremos, Conjuntiuo condicional, & assi outros. E isto de tal sorte, que nunca as lingoagens do Conjuntiuo natural, & regular se haõ de mudar, senão os Aduerbios (PEREIRA, 1643, f. 72/v).

No passo reproduzido, importa salientar a menção do “conjuntivo natural e regular”. Se atentarmos no paradigma verbal, poderemos concluir que Frutuoso Pereira apresenta duas séries do conjuntivo: 1. o conjuntivo (por exemplo, “amara eu agora” > *Amarem*) e 2. o segundo conjuntivo ou conjuntivo irregular (por exemplo, “como eu amo, ou amando eu agora” > *Cum amem*). Não há dúvida de que esta dupla distinção de “conjuntivos”, aparentemente sem (muito) sentido, segue a proposta registada na gramática alvaresiana e cuja origem tem a ver com a forma – deficiente – como eram traduzidos para Português, na gramatografia latino-portuguesa quinhentista, o conjuntivo latino introduzido pela conjunção *cum* – através do conjuntivo português: *cum sim* > “como eu seja” (!), em vez de “como eu sou” – e o introduzido por outras conjunções – através do conjuntivo português: *quanuis sim* > “embora eu seja”. A consciência gramatical da divergência nas referidas traduções originou, a partir da edição de 1578 do manual alvaresiano, a introdução de duas séries do conjuntivo latino: 1. a primeira com formas de conjuntivo precedidas pela conjunção latina *cum*, mas com a tradução para Português através do indicativo; 2. a segunda com as formas próprias do conjuntivo – habitualmente precedidas pela conjunção *quanuis* e com a tradução através do conjuntivo português (PONCE DE LEÓN, no prelo).

Há, contudo, certo grau de divergência entre a *Arte de grammatica, latina, portugueza, benedictina* e a gramática do jesuíta português, porquanto, apesar de registar o conjuntivo com formas de indicativo, Frutuoso Pereira tem consciência da anomalia gramatical que constitui este critério – relembre-se que o

frade beneditino o designa como “conjuntivo irregular”; de facto, no prólogo alerta para a anomalia gramatical que supõe a inserção de formas do conjuntivo no paradigma do indicativo:

Dous Conjuntiuos se ordenarão; hũ q̄ chamamos Regular; outro Irregular, do que damos razão. O Conjuntivo he hum dos quatro modos perq̄ o Verbo se conjuga. Tomou esta denominação de q̄ sempre a Oração q̄ se ordena pello Conjütio, ou anda junta, ou ajüta a sy outra oração, ou parte della, clara, ou entêdida. Sirua de exêplo. Eu escreuera agora. Esta lingoagê he do presente do Cõjuntiuo, & suppoê, ou diz respeito a outra Oração que se lhe deue seguir. Como. Escreuera eu agora, se tiuera commodidade, &c. & assi deuemos buscar lingoagês fixa, & regulares, que sejaõ propriamente conjuntiuas.

E quando queiramos dizer que o Conjuntiuo se chama assi, porq̄ sempre a sua lingoagê traz cõsigo, ou pella mayor parte, algũ Aduerbio claro, ou occulto; tambem neste caso deuemos buscar hũa lingoagê fixa, com q̄ possamos ajuntar todos as Aduerbios. Seja exemplo. Tiuesse eu lido. he lingoagê do passado perfeito do Cõjuntiuo, ajütandolhe hũ Aduerbio de desejar diremos: Oxalá: ou prouesse a Deos q̄ tiuesse eu lido, &c. & naõ assinando nõs esta lingoagê fixa, tãtos viraõ à ser os Conjuntiuos, ou modos delles, que fazem os Aduerbios. E daqui nacerão os Optatiuos, os Quanuis, & outors, &c.

E o Conjuntiuo, que nestes nossos tẽpos se ensina cõ o Aduerbio – Cum – impropriamête se deue chamar; Porq̄ a lingoagê Portuguesa que nelle vsamos, he do Indicatiuo, ajuntandolhe só o Aduerbio. Exêplo. Eu leo. Como eu leo. E nẽ a lingoagê Portuguesa, nẽ a Latina q̄ neste Conjuntiuo se usa, serue mais q̄ junta com o Aduerbio – Cum – & assi não fica sendo Conjuntiuo Regular, porq̄ ouuera de ser géral, & natural; pelo q̄ pomos em segundo lugar com titulo de Conjuntiuo Irregular, & Improprio (PEREIRA, 1643, f. ¶17r/v).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece-nos conveniente salientar, na conclusão do presente trabalho, o valor da *Arte de grammatica, latina, portugueza, benedictina*, porquanto a sua publicação trata de ocupar o espaço pedagógico monopolizado pelos alvaresianos *De institutione grammatica libri tres* e pelo numerosos manuais (ou cartapácios) que traduziam para Português e comentavam os preceitos contidos naqueles. Para tal, Frutuoso Pereira serve-se, no plano pedagógico, das propostas mais inovadoras que se começaram a desenvolver no início do século XVII – como é o caso do sensualismo ou experimentalismo. Quanto à teoria gramatical, vimos que o frade beneditino se afasta da doutrina racionalista e, por consequência, de certos gramáticos como Amaro de Roboredo; mas, por outro lado, distancia-se também da gramática escolar vigente – os *De institutione grammatica libri tres* de Manuel Álvares – em certos aspetos como a redução da matéria gramatical. Estes traços peculiares levam-nos a pensar que estamos perante uma obra de notável interesse para a gramaticografia em Português.

NOTES ABOUT THE FRUTUOSO PEREIRA'S ARTE DE GRAMMATICA, LATINA, PORTUGUEZA, BENEDICTINA (LISBON, 1636)

Abstract: *This paper analyzes several aspects of frutuoso Pereira's work Arte de grammatica, latina, portugueza, benedictina (Lisboa, 1636). Mainly issues that have*

to do with the textual tradition and authorship, as well as issues related to the Portuguese pedagogical context of the first half of the seventeenth century. It also analyzes the framing of the *Arte de gramatica* in the grammar current trends at the time, specifically, in the rationalist grammar and in the school grammar.

Keywords: *Frutuoso Pereira. Grammatical historiography. XVII Century.*

REFERÊNCIAS

- ÁLVARES, M. *Emanuelis Aluari e Societate Iesu de institutione grammatica libri três Antonii Vellesii exe adem Societate Iesu in Eborensi Academia praefecti studiorum opera aucti et illustrati*. Évora: Manuel de Lyra, 1599 [1572].
- FERNANDES, G. *Amaro de Roboredo, um pioneiro nos estudos linguísticos e na didática das línguas*. 2002. Dissertação (Doutoramento)–Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2002a.
- FERNANDES, G. A primeira gramática latina escrita em Português. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, v. 6, fasc. 1-2, p. 481-495, 2002b.
- FERNANDES, G.; ASSUNÇÃO, C. Amaro de Roboredo, gramático e pedagogo português seiscentista, pioneiro na didática das línguas e nos estudos linguísticos. In: ROBOREDO, A. de. *Methodo Grammatical para todas as Linguas*. Edição fac-similada. Prefácio e Estudo Introdutório de Carlos Assunção e Gonçalo Fernandes. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2007. p. xi-cii.
- KOSSARIK, M. A doutrina linguística de Amaro de Roboredo. In: CASTRO, I. (Ed.). *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1997. v. II, p. 429-443.
- MACHADO, D. B. *Biblioteca Lusitana*. Coimbra: Atlântida Editora, 1966 [1747]. t. II.
- PEREIRA, F. *Arte de grammatica latina, nouamente ordenada em portuguez, pera menos trabalho dos que começam a aprender*. Lisboa: Lourenço Craessbeek, 1636.
- PEREIRA, F. *Arte de grammatica latina, ordenada em portuguez, pera mayor facilidade deste estudo*. 2. ed. Lisboa: Lourenço de Anveres, 1643.
- PEREIRA, F. *Arte de grammatica, latina, portugueza, benedictina*. Lisboa: Domingos Lopes Rosa, 1652.
- PONCE DE LEÓN, R. La pedagogía del latín en Portugal durante la primera mitad del siglo XVII. *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios latinos*, Madrid, n. 10, p. 217-228, 1996.
- PONCE DE LEÓN, R. El Álvarez en vernáculo: las exégesis de los *De institutione grammatica libri tres* en Portugal durante el siglo XVII. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série Línguas e Literaturas*, Porto, v. 28, p. 317-338, 2001.
- PONCE DE LEÓN, R. O Brocense na teoria gramatical portuguesa no início do século XVII. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série “Línguas e Literaturas*, Porto, v. 29, p. 491-520, 2002.
- PONCE DE LEÓN, R. *Aproximación a la obra de Manuel Álvares*. Edición crítica de sus *De institutione grammatica libri tres*. Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense, 2005. 1 CD-ROM.

PONCE DE LEÓN, R. Fuentes españolas en la primera gramática latina de Amaro de Roboredo. In: MARTÍNEZ GAVILÁN, M. D.; MAQUIEIRA, M. (Ed.). *España y Portugal en la Tradición Gramatical*. León: Universidad de León, Centro de Estudios Metodológicos e Interdisciplinares, 2008. p. 239-265.

PONCE DE LEÓN, R. Nótulas sobre as gramáticas latinas de Amaro de Roboredo: edições da mesma obra ou obras diferentes?. In: PEREIRA, B.; VÁRZEAS, M. (Ed.). *As Artes de Prometeu: estudos em Homenagem a Ana Paula Quintela*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009. p. 135-148.

PONCE DE LEÓN, R. Contra las interferencias castellanas: en torno a la doble serie de formas del modo subjuntivo en la gramaticografía de la lengua portuguesa (siglos XVII y XVIII). *Actes du XXVIIe Congrès international de linguistique et de philologie romanes (Nancy, 15-20 juillet 2013)*. Section 15: Histoire de la linguistique et de la philologie. No prelo.

PONCE DE LEÓN, R.; ASSUNÇÃO, C.; FERNANDES, G. A *Arte de Grammatica* de Pedro Sánchez. In: SÁNCHEZ, P. *Arte de grammatica pera em breve saber latim*. Edição facsimilada. Prefácio de Amadeu Torres e Estudo Introdutório de Rogelio Ponce de León, Carlos Assunção e Gonçalo Fernandes. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Estudos em Letras, 2008. p. xi-xliii.

ROBOREDO, A. de. *Methodo Grammatica para todas as Linguas*. Edição facsimilada. Prefácio e Estudo Introdutório de Carlos Assunção e Gonçalo Fernandes. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2007 [1619].

ROBOREDO, A. de. *Grammatica latina. Mais breue, e fácil que as publicadas até agora na qual precedem os exemplos aas regras*. Lisboa: António Alvarez, 1625.

SCHÄFER-PRIESS, B. Amaro de Roboredos *Methodo gramatical para todas as línguas* (1619). In: CAETANO DA ROSA, L.; SCHÖNBERGER, A.; SCOTTI-ROSIN, M. (Org.). *Zur Wissenschaftsgeschichte Lusitanistik. Akten des 1. Gemeinsamen Kolloquiums der deutschsprachigen Lusitanistik und Katalanistik (Berlin, 20. – 23. September 1990)*. Frankfurt am Main: TFM, Domus Editoria Europaea, 1990. p. 55-74.

SCHÄFER-PRIESS, B. *Die portugiesische Grammatikschreibung von 1540 bis 1822*. Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren von dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition. Tübingen: Max Niemeyer, 2000.

SCHÄFER-PRIESS, B. Os modos verbais nas gramáticas latino-portuguesas de Manuel Álvares (1572) e Bento Pereira (1672). *Revista de Letras*, Vila Real, II, v. 9, p. 121-153, 2010.

SILVA, I. da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859, t. III; 1883, t. X.

Recebido em fevereiro de 2014.

Aprovado em março de 2014.